

MARIA LÚCIA

Jogral da Pátria

—≡ TEATRO ≡—



EDIÇÃO DA
COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS — 1962



MARIA LÚCIA

Jogral da Pátria

—≡≡≡ TEATRO ≡≡≡—



*Ao Primo Francisco Silva, oferece,
Maria Lúcia*

EDIÇÃO DA
COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS — 1962

*Barcelos
25-3-1962*



Perm. Barcelos

BIBLIOGRAFIA

*O SONHO DO INFANTE
HERÓI E SANTO
EVOCAÇÃO DE GARRETT
MILAGRE DE FÉ
JOGRAL DA PÁTRIA*



01385

PREFÁCIO

*A*O evocar os momentos breves da vida de grandes portugueses, como o Infante D. Henrique, Nun'Alvares, Almeida Garrett e, hoje, Luís de Camões, faço-o com a intenção de ajudar as crianças e adolescentes a compreenderem, dum modo mais íntimo e profundo, essas figuras notáveis da História de Portugal.

Esta pequena peça teatral não é de molde a suscitar emoções fortes; nem sequer a procurar recordar os momentos heróicos ou trágicos dessas vidas porque difícil seria a sua representação para os actores a que se destina. Houve apenas a intenção de instruir, de um modo atraente, recordando momentos belos e calmos onde a imaginação procurou servir com lealdade a verdade histórica.

Já vem de tempos recuados o hábito de recorrer ao teatro com intuits pedagógicos, pois através da representação se pode moralizar um público, se pode instruir ou apenas divertir...

Na escola, porém, o teatro educa porque dá aos novos a possibilidade dum conhecimento mais vasto e real não só sobre a figura histórica que se pretende recordar mas também sobre o ambiente em que viveu, os contemporâneos, amigos ou inimigos que o rodearam, os costumes da época, hábitos e caracteres, trajes e até um pouco da própria linguagem característica dos tempos em que os acontecimentos se desenrolaram.

Mas, nas escolas, o teatro não tem apenas o fim de aumentar a cultura intelectual, ele contribui também para que os alunos possam adquirir uma dicção perfeita e graciosa, atitudes e gestos delicados e ainda lhes permite conquistar um certo à-vontade tão necessário à maioria dos estudantes, que tantas vezes lutam com um terrível acanhamento, pesadelo que os faz sofrer e até retrair possibilidades, que não conseguem revelar por timidez ou falta de desenvoltura.

O teatro para os jovens deve pois ter o alto sentido de instruir, educar e elevar o espírito à contemplação dos altos valores humanos duma pátria, das virtudes cívicas e exemplos nobres duma raça, ou, então, afinar a sensibilidade em contacto com peças teatrais que encantem pela beleza dos textos, pela harmonia da música, ou, mesmo, pela fantasia dos cenários.

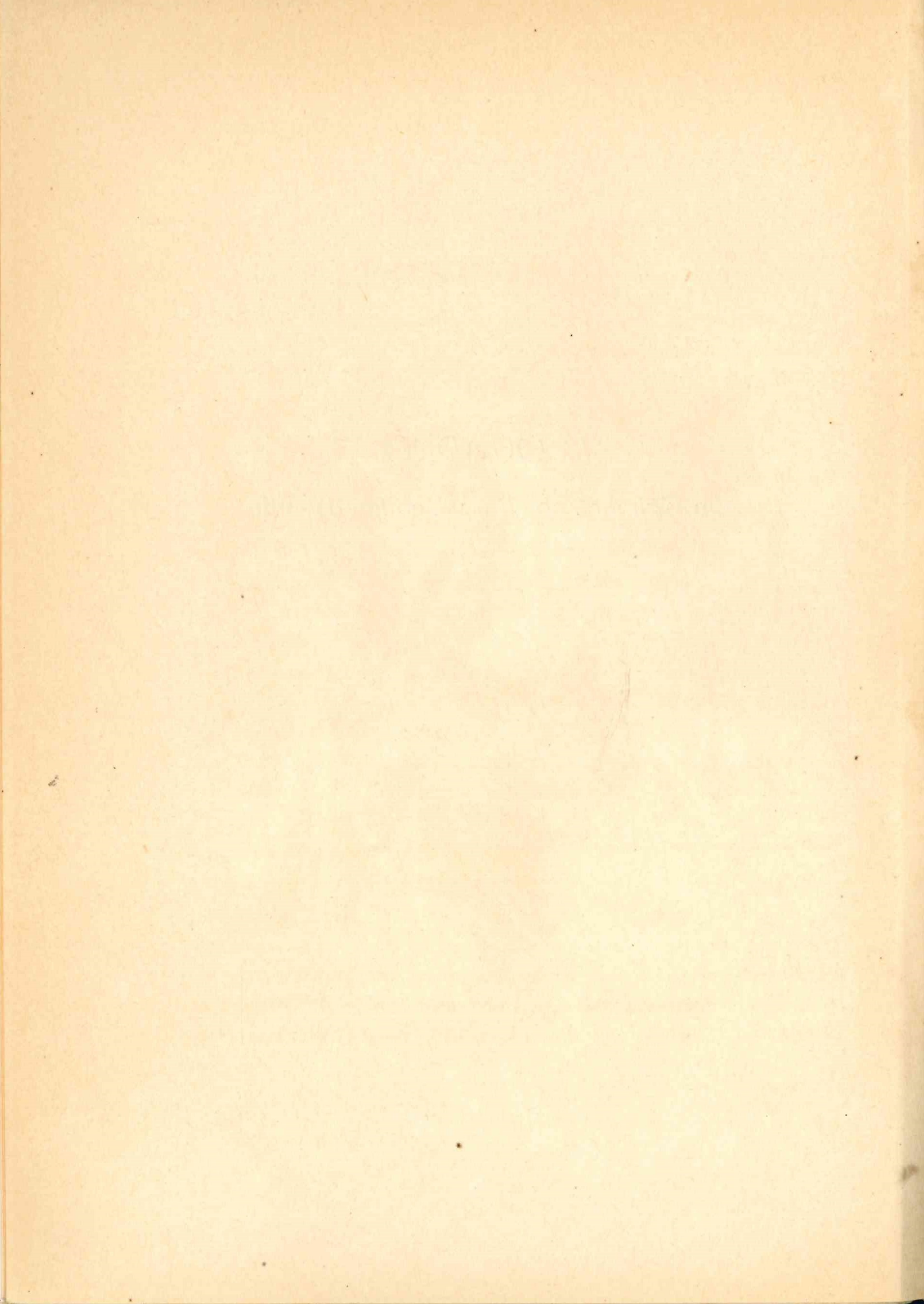
Ao escrever sobre Luís de Camões tentei que este trabalho fosse para os jovens uma pequena lição sobre a vida agitada do épico português.

A meus filhos dedico esta obra desejando que busquem, em tão belo exemplo, o sonho de uma vida elevada.



1.º QUADRO

Em Coimbra, no choupal, ao fim da tarde.



1.º QUADRO

Em Coimbra, no choupal, ao fim da tarde, Luís de Camões
passeia, sòzinho, meditando alto:



LUÍS DE CAMÕES

...Os monges encontram-se com Deus no silêncio das catedrais; recolhidos e esmagados pela suntuosidade das naves austeras e obscuras esquecem o mundo, as suas alegrias, os seus encantos e elevam a alma em êxtases de amor...

...Mas eu encontro Deus na beleza destes sítios, escuto o seu Nome no murmúrio da folhagem, sinto a sua Presença nos pedaços de sol esparsos por entre a ramaria, na frescura destas fontes cristalinas, no deslizar brando do claro Mondego...

Ah! Como Deus é Imenso! Quem poderia juntar tanta beleza para deleite dos nossos pobres olhos!

Aqui, o meu coração pulsa feliz! Aqui, deixo enlevar-se a alma num devaneio doce e saudoso; deixo-a estontear-se e perder-se em arroubos de paixão; deixo-a sentir o grato enleio dum amor

grande, que ainda não vivi, mas que me apraz cantar
em trovas...

LUÍS DE CAMÕES SÒZINHO (*Recita o Soneto*)

*Alegres campos, verdes arvoredos
Claras e frescas águas de cristal,
Que em vós os debuxais ao natural
Discorrendo da altura dos rochedos.*

*Silvestres montes, ásperos penedos
Compostos de concerto desigual,
Sabei que sem licença do meu mal
Já não podeis fazer meus olhos ledos.*

*E pois que já não vedes como vistes
Não me alegram verduras deleitosas
Nem águas que correndo alegres vêm.*

*Semearei em vós lembranças tristes
Regar-vos-ei com lágrimas saudosas
E nascerão saudades do meu bem.*

(Quando está a acabar, é surpreendido por um grupo ruidoso de escolares).

1.º ESCOLAR

— Ah! Luís Vaz! Sempre no vosso aprazível
recanto, buscando temas para versejar, perdido, como
os rouxinóis, por entre os choupos ribeirinhos, ora
contemplando o manso rio, ora em conversa amena
com as suas ninfas.

2.º ESCOLAR

Talvez Luís Vaz creia em mouras encantadas e passe aqui longas horas na ânsia de as surpreender quando vêm carpir suas mágoas junto das fontes perdidas no arvoredor.

1.º ESCOLAR

Mas vós, não sabeis que ele afirma ouvir, na hora triste do sol-por, a voz da linda Inês, num débil murmúrio:

*«Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.»*

2.º ESCOLAR

Mal avisados andais vós, se cuidais, porventura, que Luís Vaz não encontra por aqui bem mais que o inspire além das ninfas do rio ou da longínqua lembrança dos malfadados amores de Pedro e Inês!

3.º ESCOLAR (*para Luís de Camões*)

— Creio bem, bom amigo, que buscais esta solidão para confiar vossos segredos às águas do Mondego, como vós eterno enamorado da graça e dos encantos de Coimbra.

2.º ESCOLAR

— Cegos andam os vossos olhos!... Não sabeis que as alegrias e as mágoas de amores as confia,

Luís Vaz, a esses rolos de papel dispersos por entre as monótonas laudas de retóricos antigos.

1.º ESCOLAR

— Ah! Luís Vaz! Bem quisera vosso tio fazer-vos um santo clérigo, mas não terá essa consolação o bom velhinho!...

Não consente o vosso ânimo que enchais a vida com o amor platónico dos místicos ou com a abnegação dos eremitas.

LUÍS DE CAMÕES

— Bons Amigos! Dizeis a verdade! Eu nasci com má estrela a guiar meus passos e não poderei seguir os caminhos brandos e silenciosos dos que, humildemente, aceitam a vontade de Deus!

A minha vida será um desatino ao sabor dos impulsos dum coração que não sei dominar...

A minha sina é cantar tudo que é belo: as flores mimosas, o rio tranquilo, as verdes colinas, o chilreio da passarada, a luz do sol, o azul transparente do Céu!...

Mas a minha estrela funesta faz-me descobrir outras belezas que me perturbam e estonteiam e que, por desdita, este coração insatisfeito e louco quer amar apaixonadamente.

2.º ESCOLAR

— Não é para nós segredo o vosso sonho de amor. Bem sabemos como vos é paga com desdém essa paixão que vos consome.

1.º ESCOLAR

Quase bendizemos esse desdém, Luís Vaz, pois não seriam tão belos, certamente, os vossos sonetos de amargas confidências.

LUÍS DE CAMÕES

É um amor sem esperança, por isso a versejar encontro lenitivo para este doce sofrer. Aos papeis confio, num desaforo, queixumes e anseios, desesperos e ilusões!...

2.º ESCOLAR

— Fazei, Luís Vaz, a mercê de ler algum dos vossos últimos sonetos. Sabeis fazê-los mais belos que Petrarca, o mestre que tanto admirais.

LUÍS DE CAMÕES

— Pois bem, se isso vos apraz, escutai-me. Mas... olhai moços descuidados e irreverentes, que são tristes e magoadas as minhas queixas!...

1.º ESCOLAR

— Saberemos escutar e compreender! Não julgueis que somos sempre os estouvados e folgazãos escolares das arruaças e das ceias turbulentas.

3.º ESCOLAR

Nessas ocasiões também vós, Luís de Camões, esqueceis o desamor da vossa dama e folgais alegre.

2.º ESCOLAR

— Quem lê vossos versos, tão cheios de lirismo e magoada solidão, não pode supor que sois o mais destemido e impetuoso escolar de Coimbra. Sois desabrido e arrojado nas brigas e sois meigo, delicado e sereno nas belas poesias que sabeis compor ao sabor de modas diversas...

LUÍS DE CAMÕES

— Bem haja a vossa amizade!

Vou fazer-vos a vontade! Escutai estes que, há pouco, aqui compus:

*Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as penas ordenando;
O verso sem medida, alegre e brando,
Espedindo no rústico raminho.*

*O cruel caçador, que do caminho
Se vem calado e manso desviando,
Na pronta vista a seta endireitando,
Lhe dá no restígio lago eterno ninho.*

*Desta arte o coração, que livre andava,
— Posto que já de longe destinado —
Onde menos temia, foi ferido.*

*Porque o frecheiro cego me esperava,
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.*

2.º ESCOLAR (*com entusiasmo*)

— Sereis, sem dúvida, Luís de Camões, o príncipe dos poetas portugueses!...

1.º ESCOLAR

— Parece áspera a nossa língua e é tão melodiosa nas vossas trovas!...

Se, um dia, entrardes no Paço, quantas donzelas ficarão rendidas ante o vosso engenho! Deus vos guarde, Luís de Camões, que bem precisa a nossa terra de quem seja capaz de lhe bendizer os seus encantos!

LUÍS DE CAMÕES (*com entusiasmo*)

— Mais do que os encantos... eu gostaria de imortalizar as glórias e as virtudes da raça portuguesa!

2.º ESCOLAR

— Arte tendes vós para tal empresa!...

3.º ESCOLAR

— Arte e saber, Luís Vaz! Já tenho notado com que apego e deleite vos debruçais no estudo das Humanidades.

1.º ESCOLAR

Diz-me o coração que talvez, um dia, o vosso nome fique a-par do de Homero e Virgílio que, hoje, com tanto fervor, admirais.

2.º ESCOLAR

Creio que nenhum de nós se engana e bem o desejo para glória deste nosso Portugal!...

...Mas, bons Amigos, tão assisada tem sido, hoje, esta nossa hora de folga, que mais parecemos mestres austeros que estouvados escolares.

LUÍS DE CAMÕES

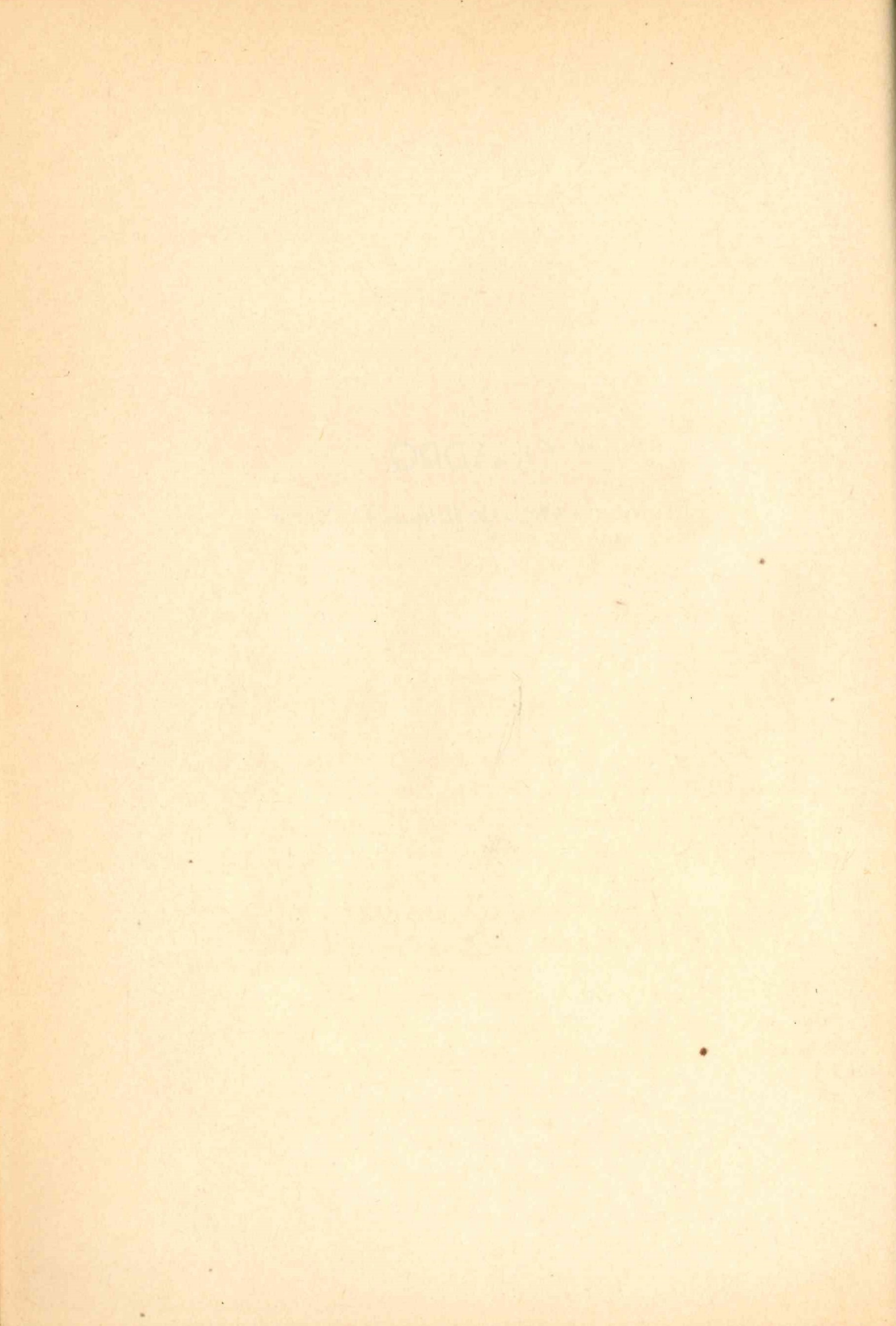
— Razão tendes no vosso falar. Podeis agora tanger as vossas liras. Vamo-nos que são horas de recolher...

(Saem todos a tocar e a cantar)



2.º QUADRO

Um serão no Paço da Infanta D. Maria



2.º QUADRO

CENÁRIO — Um salão do Paço da Infanta D. Maria com damas e fidalgos.

PERSONAGENS:

Infanta D. Maria

Uma dama

Pedro Andrade Caminha

Um fidalgo

Luís de Camões



UMA DAMA

— Alegrai-vos, Senhora Infanta! Hoje também teremos no Paço o trovador que tanto admirais! Disse-me D. Manuel de Portugal que não faltará Luís de Camões ao vosso serão.

INFANTA D. MARIA

Creio bem, boa Amiga, que alguns validos de El-Rei não têm bons olhos para este moço fidalgo.

Não aceitam a sua altivez porque é pobre, ou invejam os primores do seu engenho, acho eu!

DAMA

— Para o consolar, desses agravos, basta-lhe o vosso favor em o receberdes nesta Casa.

— Que mais poderá desejar quem ama as letras e as artes do que o belo convívio com tão eruditas e altas damas, como sois vós, Senhora Infanta, e muitas das que vos rodeiam!...

INFANTA D. MARIA

— Mas olhai que não há, nem houve ainda entre nós quem, como Luís de Camões, seja capaz de recitar num improvisado tão sentidas e belas trovas!...

DAMA

Reparai Senhora, como todas as donzelas o acolhem com ternas falas e olhar alvoroçado.

INFANTA D. MARIA

— Praza a Deus que alguma não fique cativa da graça do seu falar.

Dizem-me que é arrebatado e temo que não sofra com resignação a injustiça da distância que separa as famílias de tradições dos homens com talento mas sem antepassados.

Demais sabeis que é pobre...

DAMA

Se levantasse os olhos para alguém da vossa Casa, funesta lhe seria tal ousadia!

Porém, Senhora, para cair no desagrado de El-Rei basta-lhe a malquerença de alguns dos nobres que aqui se encontram.

Não ignorais como o invejam outros poetas de menos valia.

INFANTA

Já o notei e também, como vós, temo pela sorte de Luís de Camões.

Um fidalgo (aproxima-se da Infanta e fala-lhe)

Se Vossa Alteza Real quizer abrir este serão com trovas de amor talvez Pedro Caminha vos possa dar uns momentos de suave prazer.

INFANTA

Podemos ouvi-lo. Admiro a correcção da sua linguagem, mas não ignorais que as subtilezas de Caminha magoam por vezes. Eu não quero que no meu Paço alguém sofra vexames.

Preveni-o que não provoque o orgulho de Luís de Camões.

FIDALGO

Aquietai-vos, Senhora, que não fará desacatos na vossa Casa.

(O fidalgo aproxima-se de Pedro Caminha que se dirige para o centro do salão e recita:

*Uns olhos donde Amor faz guerra dura
Donde voa e para onde se retira,
Uns olhos contra mim cheios d'ódio e ira
Que alma m'enchem d'amor e de brandura;*

*Uns olhos cuja estranha formosura
Toda outra formosura abate e tira
Uns olhos em que o céu mil bens inspira,
De que indigna a terra ingrata e dura:*

*São os que sempre os meus andam buscando,
Os por que sempre brado, os que sempre amo,
Por quem arço no inverno, e o verão tremo*

*Voa, quando os vejo o mundo desprezando.
E tudo m'aborrece, e a mim desamo,
E a brandura amo nêles, a ira temo. (a)*

INFANTA D. MARIA

— Agradecida vos estou e admiro a mestria com que sabeis versejar.

— Agora, Senhor D. Manuel de Portugal, grande prazer seria o meu ouvir o vosso nobre amigo Luís de Camões Chamai-o da minha parte.

(a) Pedro Andrade Caminha

DAMA

Ele aí vem falar-vos, Senhora Infanta! Acautelai-vos também, que tão rendidas e ternas são para vós as suas palavras!...

LUÍS DE CAMÕES (*dirige-se à Infanta D. Maria*)

Mandai, Real Senhora, se vos apraz, que eu leia os versos que para este serão, hoje, escrevi.

(A MEIA VOZ) Haveis de apreciá-los, certamente, porque a doce lembrança da vossa imagem mos inspirou!

INFANTA D. MARIA

— Todos nós desejamos ouvir-vos Senhor Luís de Camões!

LUÍS DE CAMÕES (*recita*)

*Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;*

*É um querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder.*

*É um estar-se preso por vontade;
É servir quem vence o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.*

*Mas como causar pode o seu favor
nos mortais corações conformidade,
sendo a si tão contrário o mesmo Amor? (a)*

INFANTA D. MARIA

— Ninguém jamais os fará mais delicados! Deus vos fadou certamente para altos destinos. Dotou-vos com o talento dos inspirados poetas helénicos, mas temo que com um coração desvairado. Tomai cuidado!...

LUÍS DE CAMÕES

Graças vos dou Senhora pela mercê de me apreciardes!...

DAMA

Se vos não enfada, Senhora Infanta, permiti, agora, às vossas donzelas e gentis moços fidalgos a alegria de um pouco de música.

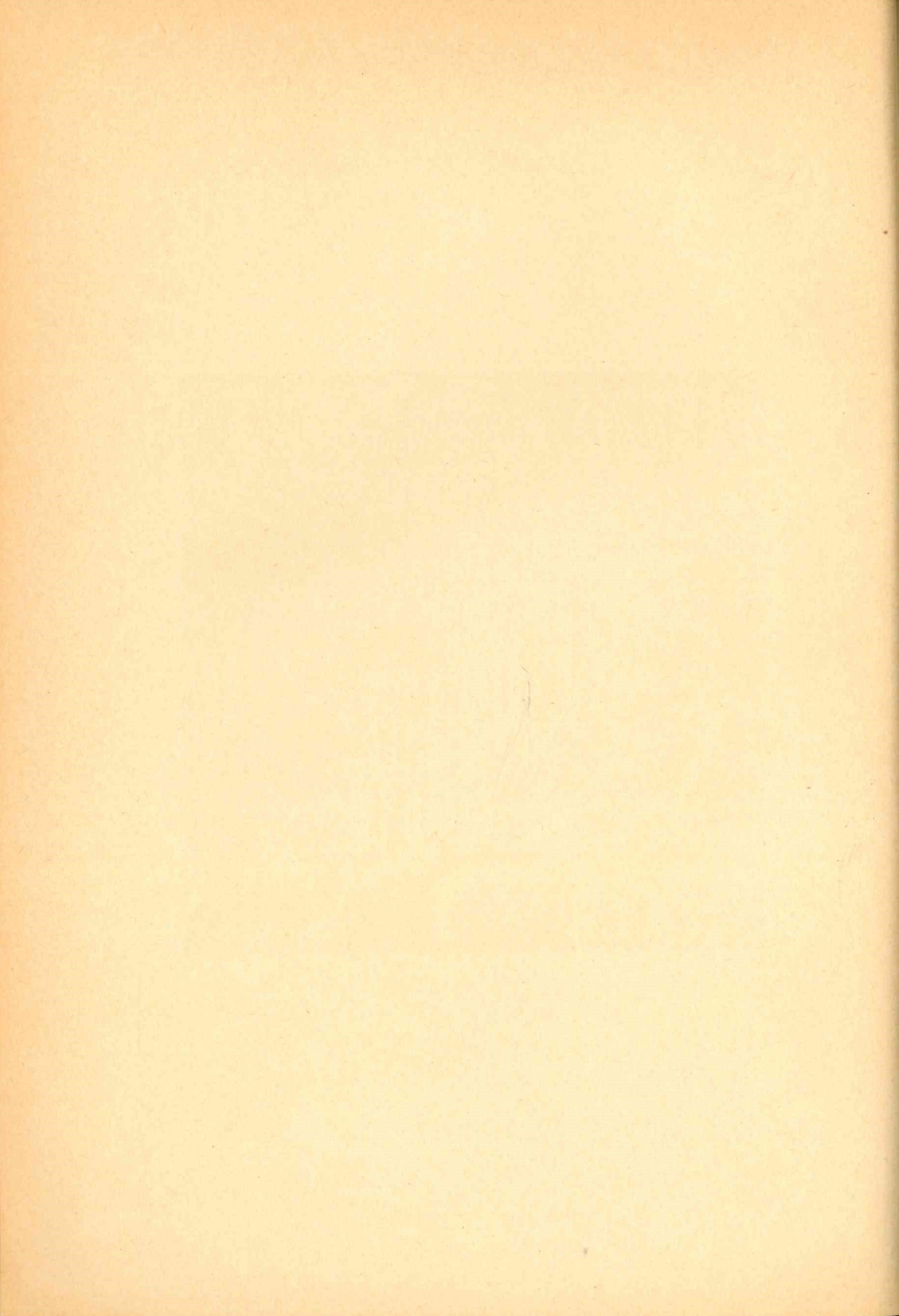
INFANTA D. MARIA

Bem sabeis que eu também aprecio a graça das danças palacianas!...

(A um gesto de consentimento da Infanta dança-se uma música própria da época).

(a) Luís de Camões





3.º QUADRO

Em Sintra, no palácio real

3.º QUADRO

Numa varanda do Paço de Sintra

PERSONAGENS:

Rei D. Sebastião

Luís de Camões

Alguns fidalgos e frades jesuítas



1.º FIDALGO (*para El-Rei*)

Vossa Magestade escolheu o mais belo cenário para escutar os versos maravilhosos de Luís de Camões. São estrofes cheias de beleza que ora ressoam como um cântico guerreiro de triunfo ora se murmuram como uma litania melodiosa e suave do mais delicado lirismo.

Depois de os ouvirdes, meu Rei e Senhor, jamais da vossa alma se apagarão os ecos das mais belas trovas que alguém já dedicou à sua Pátria.

D. SEBASTIÃO

— Com tal entusiasmo falais desse livro, que dizeis chamar-se *Lusíadas*, que me sinto num alvoroço impaciente em escutá-lo.

A evocação das glórias do passado será para mim um incitamento mais, para não deixar esmorecer nesta terra, as mais belas virtudes da raça portuguesa. Com elas conto para grandes cometimentos que possam ser, um dia também, cantados num poema épico.

FIDALGO (*idoso*)

Perdoai, Real Senhor, que vos previna contra a temeridade de vossos verdes anos! O Reino está exausto de homens e fazendas. Mais carece de governo prudente que de aventuras loucas.

D. SEBASTIÃO

Dispenso, Senhor, os vossos conselhos. Sinto que tenho uma missão alta a cumprir e nada me poderá deter!... Praza a Deus que em breve possa realizar este Ideal a que todo me dei!

2.º FIDALGO (*idoso*)

Não vos agasteis com os conselheiros idosos. Não os apoquenta o medo duma guerra justa pois, a

servir a Pátria, gastaram as forças dos seus melhores anos; atormenta-os apenas a ideia de verem desmornar-se o belo Império que vossos Avós fizeram surgir das brumas espessas dum mundo desconhecido...

D. SEBASTIÃO

Esse Império longínquo pode ser a ruina de Portugal. Não será mais fácil defendê-lo e governá-lo se ele se estender pela vastidão do norte da África?

Quase junto de nós vivem os inimigos da nossa Fé, e nós deixamos florescer as suas cidades onde se levantam sacrílegas mesquitas! Nos seus minaretes hei-de erguer a Cruz!... Talvez seja loucura, mas é um sonho que me arreбата...

UM FRADE JESUITA

Aos olhos de Deus agradam mais os homens que conquistam almas com amor e caridade do que aqueles que tingem suas espadas de cavaleiros no sangue dos infieis.

O cristianismo não se impõe pela força,—estende-se pelo exemplo!

D. SEBASTIÃO

— Nada me poderá deter, já vos disse, nem censuras de homens doutos nem presságios de gente bisonha!...

D. MANUEL DE PORTUGAL (*que chega com Luís de Camões*)

Perdoe, Vossa Majestade, ter-vos feito esperar, mas o grande poeta, que ides ouvir, a custo fez esta subida. Não lhe pesam os anos ainda, mas está velho e cansado duma vida agitada e infeliz. Como soldado serviu em África e na Índia; lá percorreu, com devoção, os lugares de tantos feitos heróicos que no seu livro narra.

Vereis, Senhor, que não é um livro de lendas ou fantasias.

D. SEBASTIÃO

Tenho pressa em ouvir algumas estâncias. Disseram-me que é longo e não poderá ser lido duma só vez.

D. MANUEL DE PORTUGAL

Nem o consentiria o estado de saúde em que se encontra Luís de Camões. Sabei Senhor, que mais do que as batalhas e os climas estranhos, lhe arruinaram a vida as injustiças e o desamor dos homens mesquinhos e invejosos.

Certamente sabereis ser justo para o poeta pobre que teve o engenho o e amor de eternizar o nome de Portugal.

D. SEBASTIÃO

Se este livro canta as glórias do Reino e exalta a nossa Fé, eu saberei apreciá-lo.

Podeis começar, se vos aprouver, Senhor Luís de Camões!...

LUÍS DE CAMÕES (*lê a Invocação dos Lusíadas*)

*As armas e os Barões assinalados
Que da ocidental praia Lusitana
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;*

*E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
— Cantando espalharei por toda a parte
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

(Enquanto Luís de Camões acaba os últimos versos
o pano vai descendo para alguns instantes
depois voltar a subir lentamente e então
ouve-se outra passagem dos Lusíadas)

*Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca doutrem navegados
Pròsperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.*

*Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo.
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
«Ó Potestade (disse) sublimada,
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?»*

*Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso
Que um dos sete milagres foi do mundo.
C'um tom de voz nos fala horrendo e grosso
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.*

*E disse: «Ó gente ousada, mais que quantas
 No mundo cometeram grandes cousas:
 Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas,
 Pois os vedados términos quebrantas
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo há já, que guardo e tenho
 Nunca arados de estranho ou próprio lenho.*

 (a)

D. SEBASTIÃO

— Estou maravilhado em vos ouvir. Mas vejo que são débeis as vossas forças! Outro dia continuareis!

Eu tenho de partir! Ficai com vossos amigos a repousar um pouco.

(D. Sebastião sai com alguns fidalgos)

D. MANUEL DE PORTUGAL

Todos os portugueses deviam ler os *Lusíadas*, meditar e decorar os seus cantos.

2.º FIDALGO (*idoso*)

Adivinha-me o coração que este livro será o bálsamo e o refúgio das angústias de dias negros que se avizinham!

(a) *Lusíadas*

1.º FIDALGO

Jamais poderá morrer a Pátria cujos feitos heróicos inspiraram tão belo Poema. Nós, os velhos, pressentimos desgraças, mas creio nos Lusíadas, para de novo erguer aos caminhos dum destino glorioso, o Portugal que os nossos braços cansados não possam já defender.

D. MANUEL DE PORTUGAL

«Ditosa Pátria que tal filho teve» não morrerás...
Ainda que um dia caias abatida hás-de erguer-te
sempre inundada pelo esplendor deste livro sagrado...

Todos (desembainhando as espadas)

Não morrerás PORTUGAL

FIM

Desenhos de:

Gonçalves Torres

biblioteca
municipal
barcelos



28610

Jornal da Pátria